

Capítulo 7 – Rei dos Insetos.

“Como de costume sou a primeira a acordar” foi o que Nitia-Gandriel pensou, mas logo ela percebeu que a cama de Baliak estava vazia e que o equipamento do meio-elfo não estava lá. Pensou em acordar Joukthups para questioná-lo quanto ao paradeiro do meio-elfo, quando a porta se abriu lentamente, como se alguém evitasse fazer algum ruído. A elfa teve tempo apenas de preparar seu machado quando reconheceu a silhueta. Baliak entrava e se assustou ao ver a elfa com a arma na mão.

__Acalme-se Nitia. Sou eu, Baliak! – disse o meio-elfo em voz baixa, não querendo acordar os demais. Nitia abaixou a arma com um suspiro de alívio e pôde olhar o meio-elfo com maior atenção, notando que ele possuía equipamentos novos. Ele usava uma bela armadura de metal em seu peito e uma grande besta estava pendurada em suas costas. Observou-o desconfiada, já que sabia que ele não tinha recursos para comprar tais equipamentos.

__Onde conseguiu essa armadura?

__Ah, isso? Alguns amigos pagaram suas dívidas na noite passada, com o ouro pude comprar essa armadura e essa Besta.

__Amigos? Que tipos de amigos?

__Amigos que me deviam muito, como pode perceber. – respondeu o meio-elfo escondendo a vergonha em um tom de brincadeira. – Veja, são equipamentos de ótima qualidade. Essa armadura, apesar de ser de metal, é bem leve e não irá me atrapalhar nas perícias ladinas. Essa besta também é muito boa! Vou chamá-la de BAL!

__Bal? De onde tirou esse nome?

__BAL, ora! – disse o meio-elfo começando a se divertir com a situação. – Besta Acurada e Ligeira! – a elfa respondeu com um sorriso contido, balançando a cabeça:

__Deixe-me vê-la.

__Claro. – respondeu o meio-elfo, entregando a besta. – Acho que ela não vai ter muito uso contra os morto-vivos daquele labirinto, mas deixe-me cruzar com um orc ou um ogro, que mostrarei o que ela é capaz!

Nitia analisou a besta mais de perto e pelas inscrições que havia na lateral, julgou ter sido fabricada por anões. A besta era relativamente grande e quase toda feita de metal,

sua leveza e qualidade indicavam ser o trabalho de um armeiro de grande perícia. Ela notou ainda que o objeto era encantado, mas que não conseguia identificar a magia.

__Muito boa mesmo essa besta. – disse Nitia. – Sinto que ela é encantada, qual efeito ela possui?

__Não disse que ela é Ligeira? Com ela consigo recarregar mais rapidamente os virotes. Comprei-a na loja de armas e o anão possuía outra, se alguém do grupo estiver interessado em comprar.

__Eu certamente estarei! – respondeu Arthins que acordava naquele momento. – Mas acho que você irá comprar para mim, afinal vejo que está pegando uma parte maior dos espólios.

__Infelizmente não será possível, pois gastei tudo que eu possuía, ou melhor, o que eles me deviam. – respondeu o meio-elfo.

__Ah, te deviam? Estranho alguém dever algo para um ladrão...

__O que está insinuando? – respondeu Baliak, irritando-se.

__É só inveja. – disse Arthins dando um tapa nas costas de Baliak, que era leve nos padrões do homenzarrão, mas muito forte para Baliak que se desequilibrou para frente. Arthins aproximou-se com um sorriso nos lábios e disse baixo no ouvido de Baliak, sem que Nitia pudesse escutá-lo. – Não importo como conseguiu isso, apenas me mostre o caminho para que eu possa pegar a minha parte... Convide-me na próxima vez!

Baliak não sabia o que responder e por isso manteve-se calado. Um a um o grupo acordou e o meio-elfo se explicou da mesma maneira para todos, escondendo seu sentimento de vergonha atrás de um humor pouco adequado ao momento. Maliha e Lariata não acreditaram na história e resmungavam argumentos contrários ao meio-elfo em tom baixo e privado. Assiral, Tsugui e Joukthups permaneceram em silêncio, apesar de saberem que a história parecia mal contada. Se haviam amigos devendo ao meio-elfo, por que não o pagaram antes dele ir ao labirinto quando ele realmente precisava desses equipamentos? Nenhum deles acreditou na história e perceberam que era cada vez mais difícil confiar no ladino. Por fim, Baliak que via o roubo do medalhão como uma forma de recuperar seu respeito e autoconfiança acabou conseguindo um efeito contrário.

Passada a agitação inicial com as aquisições de Baliak o grupo se preparou rapidamente para retornar ao labirinto e seguiu após um farto desjejum oferecido por

Murin, que mais uma vez lucrava com o movimento atraído pelos aventureiros. Partiram escoltados por uma tropa de curiosos, que apontavam e cochichavam. Não era todo dia que alguém ia a Laipem e voltava vivo, mas o que a população achava mais incrível era vê-los marcharem novamente em direção àquele lugar!

Ao chegarem ao portão principal de Bringth o grupo se deparou com um contingente de guardas controlando a saída da cidade. Baliak sentiu um calafrio e um pressentimento de que era uma repercussão de suas ações na noite anterior, mas manteve-se quieto, pois a situação exigia. Os curiosos não abandonaram o grupo e permaneceram próximos, pois queriam ver a reação dos guardas, que ao avistarem os heróis na fila que se formava, gritaram:

__Hei, vocês! Podem passar! Não precisam ser revistados!

__Mas por que as pessoas estão sendo revistadas? – perguntou Nitia quando próxima daquele que possuía uma insígnia no peito que o indicava como sargento.

__Roubaram a casa de um importante nobre na última noite, mas tenho certeza de que vocês não estão envolvidos! – respondeu o sargento.

__Certamente que não! – respondeu Joukthups, enquanto o grupo se continha para não encarar o meio-elfo. – Agradecemos pela hospitalidade! Esperamos retornar com boas novas!

O grupo partiu e enquanto saíam da cidade ouviram novos votos de sucesso e boa sorte dos camponeses e soldados. Assim que ficaram sós, Arthins tomou a palavra:

__Como você disse, Baliak? Um amigo te pagou uma dívida?

__Você deveria se envergonhar, Baliak! – completou Maliha, antes mesmo do meio-elfo poder se defender. Todos olharam com olhares repreensivos, com exceção de Arthins que parecia aprovar Baliak. O meio-elfo permaneceu calado, enquanto ouvia frases duras de repreensão, ficou quieto não apenas porque não possuía desculpas para seus atos, mas principalmente porque mais uma vez decepcionava aqueles com quem sempre pôde contar nas horas mais difíceis. Quando finalmente tomou a palavra, ele disse com a voz embargada:

__Sim, estou envergonhado. Cometi vários equívocos desde que começamos nossa aventura e precisava recuperar minha autoconfiança, mas acho que apenas piorei minha

situação. Peço desculpas e acatarei todas as decisões que tomarem se me deixarem continuar no grupo. Por favor, preciso me redimir.

Um grande debate se sucedeu, mas apesar da severa oposição de Maliha, o grupo optou por dar uma outra chance ao meio-elfo, porque suas palavras eram sinceras. Evitaram o assunto e maiores conflitos durante o restante da marcha em direção ao labirinto e chegaram à entrada em horário similar ao da última empreitada. Novamente se puseram a comer, mas desta vez um silêncio tomava conta do grupo, uma seriedade que contrastava com a despreocupação que possuíam quando ali chegaram pela primeira vez. O silêncio exprimia um sentimento que misturava o medo de reentrar em Laipem com o luto pela ausência de Baraz.

Maliha sentou-se próximo a Tsugio contendo-se para não encará-lo demasiadamente. Queria iniciar um diálogo com o homem-do-norte, mas conteve-se, pois ela tinha medo de se expor ao grupo dizendo palavras que poderiam expressar sentimentos que nem mesmo ela compreendia. Até então, a única certeza da jovem necromântica era que o homem-do-norte lhe era cada vez mais misterioso e atraente.

Após se alimentarem entraram e se depararam novamente com a primeira encruzilhada em forma de Y.

__Nós fomos para a esquerda da outra vez, não é? – perguntou Joukthups.

__Sim. – respondeu Assiral.

__Vamos tentar nossa sorte do lado direito dessa vez. O que acham? – concluiu o arcano.

__O que te der maior prazer, chefe! – respondeu Arthins.

O grupo seguiu pela direita e entrou em formação de combate que dessa vez contava com Arthins e Tsugio na frente, Lariata e Assiral na retaguarda e os demais no centro, protegidos pelos guerreiros. Ascenderam suas tochas e novamente se depararam apenas com destroços de construções e sinais da batalha que havia destruído a cidade, no entanto, não encontraram nenhum corpo ou esqueleto. Caminharam por pouco mais de meio quilômetro quando uma construção chamou a atenção dos aventureiros, era um pequeno casebre cuja porta estava aberta e que em seu interior, no chão, havia dois frascos e preso a um deles havia um pergaminho.

__Eles sequer tem imaginação quando criam essas armadilhas. – disse Nitia.

__É porque eles sabem como atçar os mais ambiciosos. – respondeu Maliha olhando para Baliak que se manteve quieto.

__De qualquer maneira não podemos apenas ignorar esses frascos. – replicou Arthins.

__O que sugere? – disse Nitia.

__Que investiguemos. – respondeu o homenzarrão.

__Deixe comigo, sou capaz de encontrar armadilhas. – interrompeu Baliak. – Apenas afastem-se para não se exporem desnecessariamente. – O grupo concordou e viu o comportamento do meio-elfo como uma tentativa de reparar seus últimos erros. Baliak pegou uma das tochas e analisou cuidadosamente o interior do casebre sem tocar nos frascos. Cada um deles possuía uma cor diferente, sendo um de cor cinza escura e o outro de um líquido branco arenoso. Enquanto procurava cuidadosamente por um mecanismo ou sinal de armadilha encontrou formigas que caminhavam apressadamente carregando grãos dourados. Elas seguiam organizadamente em fila e ele pôde ver que percorriam apenas um pequeno percurso na superfície, entrando e saindo dos escombros em um estreito túnel aparentemente escavado por elas mesmas. O meio-elfo pegou uma delas, tomou-lhe o grão e pressionou-o contra seu dente, em seguida abriu um largo sorriso e falou alto para que os amigos pudessem ouvir.

__Não acredito! Essas formigas estão carregando grãos de ouro!

__Como? Mostre-me! – disse Arthins atendendo prontamente. Os demais também se aproximaram e se puseram diante da entrada para que pudessem conversar em tom mais baixo. Baliak continuou:

__Não encontrei nenhuma armadilha, apesar de não ter verificado os frascos ainda, mas encontrei essas formigas e elas estão carregando, pelo que me parece ser, pequenos grãos de ouro.

__Excelente! Vamos escavar atrás da fonte então! – disse Arthins.

__E convocar um exército contra nós? – respondeu Joukthups.

__Isso não está me cheirando bem. Onde os frascos e pergaminho entram nisso? – disse Nitia.

__Vou descobrir, afastem-se novamente. – respondeu Baliak. O meio-elfo pôs-se a analisar o chão novamente e não encontrou nenhum mecanismo que indicasse que havia

uma armadilha. Em seguida, pegou o pergaminho deixando os frascos no chão, Nele estava escrito:

“Com simples ações, pequenos homens podem se engrandecer,
Em erros mundanos podem desaparecer.”

O conteúdo não foi compreendido em um primeiro momento e ele sinalizou aos amigos que retornassem, em seguida mostrou o pergaminho que foi lido em voz alta para que os iletrados também pudessem compreender.

__Qual a relação desses pergaminhos com esses líquidos? – disse Arthins entrando no casebre e aproximando-se para pegar um deles.

__Não toque nisso! – ordenou Baliak. – Pode haver uma armadilha!

__Mas você não verificou? – perguntou Arthins.

__Sim e não. – respondeu o meio-elfo. – Ainda não encontrei nada, mas não terminei. Acho melhor entendermos o significado desse pergaminho com esses frascos e formigas. – Baliak se aproximou dos frascos e continuou. – Vejam bem, os frascos estão dispostos ao lado da trilha das formigas. Não acho que seja coincidência, pois qualquer um que fosse procurar por armadilhas veria essas formigas. Além disso, está escrito na língua comum, o que indica que foi colocado depois dos anões.

__Hum, interessante. Deixe-me tentar algo. – concordou Joukthups. O arcano disse palavras mágicas e concluiu. – Era o que eu esperava, esses frascos são de poções mágicas.

__Quer dizer então que desapareceremos ao bebermos? – perguntou Nitia.

__Não sei dizer... – respondeu o arcano. – Em erros mundanos podem desaparecer. Bem, talvez desaparecer seja encolher.

__E se usássemos o frasco no ouro, será que ele cresceria? – perguntou Lariata.

__Ou então encolheria. Não tenho como saber tão rapidamente, precisaria fazer testes nessas poções. – respondeu o arcano.

__Pegue-as então, quando voltarmos a cidade faremos os testes. – respondeu Nitia.

__E esperar que as formigas desapareçam? – perguntou Arthins demonstrando certa ansiedade.

__Com certeza elas sempre estiveram aí! Por qual outro motivo colocariam essas poções aqui? Aposto que é uma armadilha! – respondeu Nitia.

__Eu não acredito no que estou ouvindo! – falou Arthins em tom alto. – Vocês são todos covardes! – Irritado o homenzarrão fez um movimento brusco e avançou sobre os frascos, bebendo o de cor acinzentada. Instantaneamente ele se viu desnorteado e quase caiu no chão, olhou para cima e viu o teto se afastar e crescer simultaneamente. Olhou a sua volta e percebeu que não estava mais no casebre, pois viu apenas gigantescas lascas de madeira e tijolos assim como outras pedras. Não estava sozinho, a poucos metros viu Baliak pegando sua tocha no chão e levantando-se, também desnorteado. Tentou chamar o meio-elfo, mas sua voz foi ofuscada por um som grave vindo do alto e por passos de uma criatura que parecia verdadeiramente gigantesca. Escondeu-se com Baliak de trás de uma rocha e viu que o meio-elfo carregava a poção de cor branca. Gritavam tentando conversar, mas suas vozes não superavam o som grave. Puseram-se a observar o ambiente e finalmente entenderam o que havia acontecido, de fato eles não haviam saído do casebre e ao verem uma versão colossal de Joukthups diante da porta perceberam que a poção havia os encolhido.

Lariata tentou impedir o avanço de Arthins, mas não foi suficientemente rápida e viu Arthins, Baliak e as poções desaparecerem diante de seus olhos.

__Que diabos! – exclamou Tsuguio, se afastando.

__Por que Arthins fez isso? O que faremos? – perguntou Maliha.

__Eu vou até lá. – disse Lariata que foi contida por Joukthups. O arcano tomou a palavra:

__Acredito que a impulsividade já nos atrapalhou o suficiente. Afastem-se da porta, a magia afeta o que está dentro do casebre. Mantenham distância e fiquem calados. – disse o arcano enquanto se aproximou da porta.

O som grave, que nada mais era do que as vozes de seus amigos, parou e Baliak tomou a palavra.

__Você enlouqueceu?

__Não me diga que está com medo! Vamos atrás daqueles grãos de ouro! – respondeu Arthins.

__Grãos de ouro? Para quê? Pretende ser o rei dos insetos? Olhe só para nós! Olhe o que você fez!

__Não seja tão dramático! É evidente que ao bebermos essa outra poção voltaremos ao tamanho normal!

__O que te faz ter tanta certeza disso?

__Eu apenas sei! Com simples ações podemos engrandecer! Beber não é simples o suficiente?

__Você perdeu o juízo! Vamos até Joukthups, ele saberá o que fazer!

__Não seja covarde!

__Covarde? Estamos parecendo uma formiga! Precisamos de ajuda!

__Exatamente, formiga! Vamos atrás dos grãos e deixe para beber a poção depois de termos pego a nossa cota!

__Você enlouqueceu! Vou beber essa poção agora!

__Não faça isso! Pense o quanto os grãos valerão quando estiverem crescidos? – essas últimas palavras foram ditas com a satisfação de quem sabia que havia dado um argumento definitivo. O meio-elfo por fim concordou e seguiu o homenzarrão.

O grupo estava em silêncio, desorientado, esperando um pronunciamento de Joukthups, que enfim veio.

__Vamos esperar um pouco.

__Esperar? – reclamou Lariata.

__Sim, meu palpite é que eles encolheram ou foram teletransportados. Se for a primeira possibilidade, ao entrarmos nós também encolheremos ou acabaremos pisando neles por acidente. Se eles forem teletransportados acabaremos aparecendo em um local totalmente desconhecido e se formos fazer é melhor esperar um pouco para excluirmos a primeira opção e agirmos com mais certeza.

__Jogue uma pedra. – opinou Assiral. – Assim descobriremos qual magia.

__Não fará diferença. Aos nossos olhos terá o mesmo efeito, irá desaparecer como eles. Além disso, corremos o risco de machucá-los com a pedra. É melhor esperarmos.

__E não fazer nada? Eles podem estar precisando de ajuda. – respondeu Nítia.

__Eu conheço uma magia que pode ajudar, mas consumirá muita energia e pode não surtir efeito. Vamos esperar para ver se eles conseguem se livrar dessa sozinhos.

__Mas Jouk.. – disse Lariata, que foi interrompida pelo arcano.

__Shh!! Faça silêncio, se eles estiverem encolhidos precisarão conversar e nossas vozes podem vir a atrapalhá-los.

Arthins e Baliak escalavam os escombros quando novamente escutaram as vozes graves de seus amigos, não conseguiam entender uma palavra sequer, mas notaram que desta vez pareciam ter uma conversa mais acalorada. Quando eles avistaram as formigas seus amigos se calaram e Arthins disse:

__O que você dizia? Grãos?

__Nossa! Mais parecem pepitas!

__Vou interpretar isso como um muito obrigado! Siga-me!

__Espere, não podemos atacá-las assim? Precisamos de um plano!

__Por que não? São formigas!

__Por isso mesmo! Sempre que você ataca uma delas, outras maiores aparecem para proteger as operárias!

__Ótimo! Então eis o plano: Pegamos o máximo de pepitas que pudermos, quando uma formiga maior aparecer você bebe a poção!

__E se não crescermos?

__Então correremos e pediremos ajuda para Joukthups. – disse Arthins avançando. A impulsividade do homenzarrão irritava Baliak, mas ele pouco podia fazer. Ao menos se mantinha com a poção e podia decidir quando tomá-la. O meio-elfo sacou sua besta e apenas após apontar para uma das formigas pôde analisar os insetos. Quando estava em seu tamanho normal, Baliak deu pouca atenção aos insignificantes insetos, mas agora eles pareciam muito mais assustadores. A pele era coberta por um pêlo ciliar e as presas eram grandes o suficiente para engolir sua cabeça. Mesmo assim, pareciam ser apenas formigas operárias, pois carregavam as pepitas sem ameaçá-los. Havia duas próximas, que estavam paradas encarando-os curiosamente enquanto balançavam suas antenas tentando identificar aquelas estranhas criaturas bípedes. As demais formigas pararam na entrada dos túneis, balançando apressadamente as antenas.

Arthins aproximou-se lentamente de uma delas e a formiga permaneceu imóvel tomada pela curiosidade, quando estava próximo o suficiente, o homenzarrão tentou tomar a pepita com um puxão brusco, mas não conseguiu, pois a formiga era forte. Por fim pegou seu martelo de guerra e acertou uma pancada na formiga, que soltou a pepita e correu para dentro de um dos túneis. A outra correu para o outro túnel, mas foi atingida pela seta de Baliak e soltou a pepita antes de desaparecer na escuridão do estreito túnel. Baliak e Arthins pegaram as pepitas, satisfeitos pela missão cumprida. O homenzarrão disse então:

__E agora? Esquerda ou direita?

__Como disse?

__Esquerda ou direita! Qual túnel prefere?

__Você está maluco! Já temos o suficiente!

__Vamos! Não seja covarde!

__Eu disse não! – dizendo isso, o meio-elfo bebeu a poção e se viu novamente desorientado.

O grupo mantinha-se em silêncio, entreolhando-se e caminhando de um lado a outro. Lariata era a mais impaciente e após caminhar várias vezes de um lado a outro, falou rispidamente com Joukthups:

__Não podemos ficar simplesmente esperando! Use sua magia!

__Olhem! – gritou Tsugio. De repente, Arthins e Baliak ressurgiram diante de seus olhos levantando-se ainda atordoados. Eles traziam duas pepitas de ouro e Joukthups veio ter com eles:

__Vejo que a imprudência de vocês foi bem retribuída.

__De vocês não! Dele! – disse Baliak levantando-se e apontando para Arthins.

__E poderia ter sido ainda mais rentável, se nosso amigo aqui não fosse tão medroso! – respondeu o homenzarrão.

__Medroso? Eu não sou louco de enfrentar um formigueiro inteiro! – respondeu o meio-elfo.

__Eram apenas formigas! – rosnou Arthins.

__Que sempre voltam com soldados. – replicou Assiral. – Vocês fizeram bem em não ir atrás delas.

__Era só bebermos a poção quando estivéssemos em apuros! – respondeu o homenzarrão.

__E arriscarmos fazermos o formigueiro inteiro crescer conosco! – disse o meio-elfo. – Estamos vivos e mais ricos, fique feliz!

__Não tão ricos assim. – respondeu Lariata. – Vivi entre anões e entendo um pouco sobre metais preciosos e pelo que vejo essa pepita não é pura.

__Como sabe? – perguntou Baliak.

__Pela coloração, parece que há quartzo também.

__Maldição! – bravejou Arthins.

Sem ter o que fazer ali, o grupo voltou ao labirinto e Baliak explicou o que aconteceu enquanto eles estavam encolhidos. O fato de Baliak ter agido com sensatez aliviou o clima de repreensão que havia sobre o meio-elfo, mas não o suficiente para torná-lo uma pessoa confiável.

Caminharam pela mesma paisagem desanimadora onde suas tochas iluminavam o caminho de ruínas e escombros de uma cidade fantasma. Pouco mais de um quilômetro adiante se depararam com uma nova encruzilhada. Podiam virar para direita ou para a esquerda.

__Para onde vamos agora, chefe? – perguntou Arthins a Joukthups.

__Deixe a sorte decidir. Jogue uma moeda, Maliha. Se for cara vamos para direita. – Maliha obedeceu e anunciou:

__Cara!

__Assim seja! – disse Joukthups. – Todos de acordo? – O grupo concordou prontamente e apenas Arthins não parecia satisfeito, resmungando da liderança do arcano e também do que considerava como covardia de Baliak, por não ter avançado contra as formigas. O homenzarrão se mostrava cada vez mais ambicioso e impaciente com o andamento da aventura.

O caminho os levou a uma região repleta de casas em ruínas, abandonadas e repletas de escombros. Nada de interessante chamava a atenção do grupo, quando de repente sentiram um odor de carniça mais forte do que habitualmente sentiam no labirinto.

__Essa carcaça parece ser mais recente, será que não estamos indo para a fonte destes zumbis? – disse Assiral.

__Certamente é mais recente. – respondeu Maliha. – E por isso não imagino que seja essa a origem. Meu palpite é que seja algum dos outros aventureiros que vieram explorar o labirinto.

Resolveram continuar avançando, até que por fim chegaram a um pequeno e humilde casebre, cuja porta estava aberta. Em seu interior viram oito pontiagudas estacas de metal presas horizontalmente a parede, sendo quatro de cada lado. As estacas apontavam para a porta de entrada e os heróis tiveram a sensação de que para entrar no casebre passariam pela boca de um enorme dragão adormecido. Alguns esqueletos presos às estacas demonstravam que outros falharam na tentativa de entrar no casebre. Havia ainda um corpo de um humano em decomposição, este havia morrido há menos tempo e era a origem do odor que sentiram minutos antes. Não notaram nenhum equipamento com o corpo, apenas que ele vestia uma armadura de couro totalmente danificada. A visão do cadáver causou náusea e medo em Nitia, que disse:

__Por que ele tentou entrar nesse casebre? É evidente que isso é uma armadilha.

__Por conta daquilo. – respondeu Arthins. Foi somente aí que Nitia viu uma porta aberta no lado oposto do casebre e um grande baú entreaberto.

__Maliha, como você disse, eles realmente sabem como atrair os ambiciosos. – disse Lariata.

__Ele morreu a não mais do que uma semana. – concluiu Maliha.

__Eu o conhecia. – completou Baliak. – Ele fazia parte da guilda dos ladrões, era um jovem muito promissor, mas preguiçoso demais para aprender perícias arcanas. Eu aposto que a armadilha ainda está ativa.

__Talvez se déssemos a volta por fora e entrássemos por uma entrada lateral. – disse Arthins.

__Impossível, ao menos fisicamente. – disse Lariata. – O casebre foi escavado dentro da pedra que pelo que conheço não é penetrada com poucos golpes de picareta. Não existem janelas também, escolheram esse lugar porque a única entrada é pela porta principal.

__Eu posso tentar passar por entre as estacas. – ofereceu Tsuguiu.

__Nem pensar! – respondeu Maliha, encostando-se discretamente ao braço do homem-do-norte e soltando-o em seguida.

__Concordo com a jovem. – completou Joukthups. – Nem mesmo um ágil halfling poderia esgueirar-se com segurança. Acho que as habilidades de vocês são inúteis aqui.

__O que sugere? Que abandonemos outro tesouro? – disse Arthins.

__Deixem comigo, tenho um plano. – dizendo isso, Joukthups conjurou uma magia e completou. – Excelente! Esse aposento não possui qualquer magia, imagino que tenha sido construído pelos anões.

__Pelos anões? E por quê? – disse Nitia.

__Para proteger o que há naquele baú. Provavelmente existia algum mecanismo que desativa a armadilha pelo lado de fora do casebre, mas imagino que eles o destruíram nos momentos finais da cidade.

__Ótimo, mas ainda não sabemos como entrar lá sem terminar como esse defunto! – disse Arthins, irritando-se.

__Acalme-se, grande amigo. Estás muito impaciente. – após um breve silêncio, Joukthups continuou. – Cerca de 10 metros, acho que consigo ir e voltar.

__Como assim? – disse Nitia. – Não faça nenhuma besteira!

__Besteira? Observem e contemplem! – dizendo isso Joukthups disse palavras mágicas e desapareceu diante dos olhos de seus amigos. Tsuguio passou a mão onde estava o arcano, mas não o encontrou.

__Onde ele está? Não está invisível! – concluiu o homem do norte.

__Lá! – disse Arthins apontando para o baú.

__Por Natusiest! – exclamou Nitia. – Não sabia que você tinha tamanho poder, Jouk!

__Muito agradecido! – gritou Joukthups de onde estava. – No entanto isso me consome uma energia enorme. Precisarei descansar.

__Traga o baú e descansará o quanto desejar! – respondeu Arthins, agora mais bem humorado.

Joukthups revistou o baú e encontrou algumas interessantes recompensas. Havia duas poções, que ele reconheceu como sendo de cura, e cinco pedras quentes de cor alaranjada que ele jamais havia visto. Mostrou aos amigos e escutou o comentário de Lariata.

__Excelente! Pedras incandescentes! Não precisaremos mais usar nossas tochas! – disse Lariata.

__Posso colocá-las em minha sacola? – perguntou Joukthups.

__Sim! Elas ascendem quando tocadas umas com as outras ou quando em contato com uma superfície áspera. – respondeu Lariata. – Usei muito essas pedras enquanto vivi com os anões.

Joukthups enrolou as pedras em um pano, protegendo-as do contato direto, colocou-as na mochila junto com as poções, em seguida continuou revistando o baú. Encontrou vários pergaminhos e documentos escritos na língua dos anões e que não pareciam interessantes. Por fim, descobriu no fundo do baú algo de grande valor, era um enorme machado de guerra que claramente foi forjado por anões, a julgar pelas escritas nas laterais das lâminas. As duas lâminas não eram redondas em forma de uma lua minguante como era o costumeiro, mas sim encurvada e mais pontiaguda na extremidade superior. A arma não possuía uma ponta de lança, mas essa extremidade possibilitava que ela fosse usada para perfurar, quando necessário. Apesar de ser enorme, com um metro e meio quando colocada de pé, sua empunhadura conferia um excelente equilíbrio à arma.

A qualidade do machado era indiscutível, mas não foi isso o que fascinou Joukthups, quando o arcano analisou a arma com maior cuidado, percebeu um fino filete vermelho na lâmina. Joukthups não era forte o suficiente para empunhar tamanho machado e com dificuldades mostrou-o para os amigos, dizendo:

__Aposto uma moeda de cobre que essa gracinha é mágica!

__Excelente! – disse Arthins ao ver a arma. – Volte para cá!

A arma era demasiadamente grande e pesada para o arcano, que a colocou no chão enquanto revistava o restante do baú. Não encontrou nada mais de interessante e, após pegar o machado novamente, conjurou uma magia reaparecendo na frente de seus amigos que agora tinham a tarefa de dividir amigavelmente os tesouros encontrados.